

Resumo historico da farmacologia e suas relações com a ciência experimental

Em homenagem à memória do
Prof. Dr. Argymiro Chaves Galvão

Ao iniciarmos o curso de Farmacologia deste ano, cumpre-nos antes de mais nada, explicar a razão de ainda nos acharmos na regência desta disciplina. A honra é tanta que nos sentimos intimidados ante as responsabilidades inerentes a uma das cadeiras mais difíceis e mais necessárias à vida profissional do médico.

Só a perda irreparável para esta Escola, do professor da cadeira fez com que continuássemos a lecioná-la.

É a primeira vez que tomamos conta das preleções de uma cadeira na nossa Faculdade. Acharam, entretanto, os professores catedráticos que deveríamos continuar a lecioná-la em caráter de professor interino e aqui estamos, prontos a fazer o possível para corresponder à confiança em nós depositada por professores e alunos.

O tirocinio de uma cadeira não se adquire senão, após um tempo mais ou menos longo. Perdoai-nos por isso as falhas que por acaso cometer.

Permiti que vos prelecione de pé em homenagem à memória de Argymiro Chaves Galvão, o mestre insigne tão prematuramente desaparecido, pois ninguém poderá ocupar sua cadeira sem profanar os conhecimentos, a cultura e o devotamento ao ensino que, na materia, só elle possuia.

Eu sei bem que elle está aqui conosco e aqui estará sempre. Foi tão fundo e tão cheio de bôa vontade o trabalho por elle realizado nesta e para esta Faculdade que o traço de sua personalidade há de permanecer imperecível como símbolo de abnegação ao ensino superior no Rio Grande do Sul.

A Farmacologia, é uma das mais difíceis disciplinas do curso médico e uma das mais necessárias à vida profissional.

Difícil, porque para sua perfeita compreensão, necessitamos tanta e tal cultura que raramente um homem só, consegue conhecê-la cabal e perfeitamente. De fato, ao lado dos conhecimentos precisos, de Química, Física e História Natural, temos que possuir àqueles de Anatomia Humana e Comparada, Histologia, Fisiologia, Patologia, enfim quasi que o acêrvo completo de todos os râmos das ciências médicas. E ao lado desta cultura geral já quasi inacessível a uma só inteligência, terá que possuir o farmacologo a bossa do experimentador e a lógica do filosofo. E' preciso que saiba muito, pense muito, experimente muitissimo, e saiba interpretar com lógica de ferro os fenômenos da Farmacologia, para que possamos chamar alguem de professor

desta cadeira. Claro está que nunca poderemos almejar esta glória nem exigí-la dos senhores.

Estudaremos apenas um resumo do assunto capaz ao menos, de nos orientar na vida de médicos práticos.

Lembremos desde já que a Terapêutica sem a Farmacologia não poderia existir cientificamente. Se assim fôsse continuaríamos em cega rotina.

Lembremos mais que a Medicina sem a Terapêutica científica nada mais seria que pura forma mística do desejo de viver. E' por esta razão que a Farmacologia tem uma utilidade incontestada e grandiosa. Aí daquele que na Medicina deixar de conhecer a ação dos medicamentos que emprega.

O médico tem mais que ninguém que possuir o sentimento da responsabilidade profissional. Estão em suas mãos milhares de vidas entregues de corpo e alma na ância infinita de conservar o maior dos bens, a saúde. As sociedades entregam-se-lhe confiantes e, pelos seus actos, terá o médico que responder no dia de hoje e de amanhã, à geração que passa e a todas aquelas que hão de vir. Sabemos que em Medicina só não erra quem não tem clínica. Só não erra quem não trabalha em sua profissão. Mas não é pecado errar, é pecado sim ter-se consciência de errar por incompetência, doidice ou por não querer emendar os próprios erros.

A Medicina, devemos repeti-lo mais uma vez, parafraseando Roger, é a resultante de tres fatores distintos: o diagnóstico que interessa ao clínico, o prognóstico que interessa à família e a terapêutica que interessa ao doente.

O doente que de nós se socorre, compra-nos sua saúde pela terapêutica. E' preciso para que nossa honestidade fique intacta que lhe indiquemos, na medida do possível, uma terapêutica que de fato corresponda aos seus desejos.

E' frequente ouvir falar mal da medicina e muito especialmente diminuir o valor de nossa interferência terapêutica. Quem assim faz demonstra à evidência a incultura de que é possuído. Negar o valor da terapêutica que, indiscutivelmente se baseia nos conhecimentos da Farmacologia, é negar cultura e saber a essa miriade de sábios que exgotaram todas as suas energias pelo bem da humanidade.

Infelizmente o homem egoísta, boçal e místico ainda não percebeu que deixamos os templos para progredir nos laboratórios e que a própria psicoterapia que tanto os empolgava tem sido dissecada até as suas fibras mais íntimas. Somos médicos trabalhadores da ciência e soldados da saúde, não ambicionando nem necessitando ser considerados deuses ou semi-deuses para poder lutar, com a Natureza, pela maior perfeição e felicidade da raça humana.

Para conhecer, no entanto, a disciplina que nos obrigou a estas considerações sobre a Medicina, quanto sacrifício e quanta tristeza temos que suportar. Desde o estudo arido das mais diversas e abstratas teorias, até ao sacrifício sublime da viviseccção, o estudante da Medicina vai sofrendo além da sua, a Dôr Universal. E a inteligência treinada pelo estudo e pela observação, muitas vezes exgotada pela

necessidade de saber, vai se habituando a vêr sofrer, mas, como consequência lógica desse mesmo sofrimento, se estiola e sofre mais. Teremos muitas vezes que matar indefezos animais para aprender. Vidas que somos incapazes de crear, destruimos a sangue frio, para amanhã poder salvar. Preparamo-nos calma e conscienciosamente para soldados da vida, aptos a abrir luta contra os mais ferozes proselitistas da morte, consciões, entretanto, de que nós mesmos havemos um dia de fenecer. E, em cada morte que produzimos na experimentação, sentimos que estamos a analisar a nossa própria morte.

Mas senhores, lembremo-nos sempre da filosofia magnificamente panteista do Santo Poverello de Assis, de quem eram irmãs a humanidade, a terra, a água, a planta, a lesma, a rã. De fato temos que concordar que a vida é uma só e universal. E vida é sentir, e sentir é sofrer, e sofrer é viver.

Atiram-se-nos os anti-viviseccionistas como se fossemos uns covardes algozes da vida irracional. Não se lembram que é a custa do sacrificio desses animais que muito sofrimento humano teve seu lenitivo. Não se lembram que ainda há bem pouco viam seus filhos morrer nas angustia de uma difteria e que foi o sacrificio viviseccionista quem lhes deu o sôro curativo, específico, salvador. Não se lembram que se cobriam de chagas que os estigmatizavam até a morte e que os arsenicais, os bismúticos e os vanádicos foram estudados "in anima vilis". Não se lembram que todas as suas funções psico-fisiológicas e que hoje relativamente tão bem conhecemos, e que tanto nos auxiliam na arte de curar, foram estudadas em animais inferiores.

Seu altruísmo pelos irracionais é respeitável mas seu egoísmo em relação à humanidade é imperdoável.

Não queremos, entretanto, dizer com isso que devemos fazer sofrer. Pelo contrário, em cada animal sacrificado nós vemos um martir sublimado da ciência e sentimos em nós mesmos o infinito prazer de que, quasi sempre, hoje, os podemos estudar, para o bem da humanidade, sem martirio.

Os imperfeitos mas já magníficos anestésicos que possuímos — obtidos pela experimentação no vivo — são nossa melhor arma contra a dôr. E quando tivermos necessidade de desencadear o sofrimento de alguns para estudar o futuro alívio da humanidade, façamos um pouco de filosofia da dôr: Entre a dôr do ser que raciocina e pensa e a dôr inconsciente do irracional, aquela é incontestavelmente de uma grandiosidade muito maior; entre o sofrimento do que pode medir consequências e aquele do que não pode aquilatar-lhe a extensão, o do primeiro não tem comparação possível.

Hoje, quasi nunca, para nosso próprio bem e satisfação intelectual, precisamos cortar os recorrentes, como recomendavam os antigos, para que deixemos de ouvir as angustias de uma dôr que quasi sempre podemos evitar.

Sirvam-nos estas reflexões para homenagear em nome de todos os sentimentos de piedade que possuímos, a dôr física de todos os irracionais imolados na ara simples, sagrada e grandiosa da ciência, em holocausto à vida e à dor moral de todos aqueles que, violentando os mais

íntimos sentimentos de altruísmo, se viram e se vêm ainda obrigados a fazer sofrer para o bem da ciência e da humanidade.

A Farmacologia não nasceu com o primeiro médico e sim com o primeiro cientista da medicina. Nasceu do momento em que o empirismo cego deixou de ofuscar a lógica do saber. Talvez tenha sido Hyppocrates o primeiro farmacólogo, porque talvez tenha sido ele o primeiro cientista da medicina.

Não é sem interesse para o estudo da cadeira abalar-nos a um resumo histórico, citando em rápidos traços, os esforços unicamente de alguns dos milhares de homens que cooperaram na construção do grandioso edifício da Terapêutica moderna. A história de uma ciência qualquer tem, ao menos, duas utilidades: Homenagear os que por ela lutaram e também muitas vezes recordar fatos uue, remojados e adaptados à evolução, possam ser vantajosos à sociedade.

A aspiração constante do homem, desde que teve consciência de sua personalidade de animal pensante, foi ser feliz. A felicidade é constituída desde as mais remotas éras pela satisfação perfeita das necessidades dos instintos. Sublimação por assim dizer dos instintos animais, não mais concebidos como simples necessidades fisiológicas mas como fontes de prazer.

A doença, ou seja o desequilíbrio da estabilidade eugênica do indivíduo, fa-lo procurar o bem estar por qualquer forma. Ele quer ser reposto em seu primitivo estado.

O animal que busca plantas que o purguem, medica-se na magnífica intuição instintiva da procura do bem estar.

O homem trouxe, como é lógico, de sua animalidade esta tendência e este conhecimento que evoluíram com todo o seu "Eu".

Da observação dos fenômenos naturais do universo, inexplicáveis à sua inteligência embrionária; do conhecimento dos efeitos destes fenômenos que às vezes lhe custavam dura experiência; do nascimento paulatino dos sentimentos de afetividade; do aperfeiçoamento das noções de egoísmo e de posse, nasceu-lhe o medo. O pavor — defeza animal de conservação do indivíduo — se transformou em temor previdente para consigo e o que era seu, e, creou as divindades.

O selvagem que pensava e previa mais que os seres vivos que o rodeavam e que eram por si subjugados e vencidos, não pela força mas pela astúcia, sentiu que alguma coisa mais existia e que era necessário temer. No desejo de vencer o desconhecido juntou-se em colonias mais ou menos gregarias e orou. Orando creou religiões. Creando religiões destacou indivíduos que estudassem os caprichos e fenômenos desses seres todo-poderosos que povoavam o universo.

O místico assim creado, partindo da observação para a introspecção, hipertrofiou de conhecimentos a sua inteligência e tornou-se o conselheiro, o mediador entre o homem e os deuses, e, dando conselhos, medicou.

As observações amontoaram-se e o pagé primitivo forma castas em que se ensinam mutuamente os conhecimentos adquiridos e o sacerdote faz nascer a terapêutica teológica. Nem todos os deuses podiam ser bons porque existia o mal. Era necessário que outros fossem más. Nasce

Iolipobi

(Iodobismuthato de qq.+hormolipoides+neuro-diastrases)

Formula por empola de 4 cc.
em vehiculo oleoso:

Iodobismuthato de qq.	...	0,200
Hormolipoides de cerebro		0,020
Neuro-diastrases		0,002
Lecithina		0,004

Oleo de olivas clarificado q. s. 4 cc.

A eficiencia anti-luetica do iodo bismuthato de qq. está mais que comprovada desde 1925, época em que o sal foi introduzido no Codex. Medicação actuando em fundo e duradouramente, tal como os melhores compostos insolúveis do bismutho, o referido sal teve o seu tempo de absorpção encurtado e, portanto, a sua acção mais prompta, pela conjugação dos lipoides em absoluto estado de pureza ou associados a hormonios.

Original associação
obtida pelo L. B. C.:

O IOLIPOBI, além de conter essa util acção synergica, inaugura uma nova associação (neuro-diastrases), que se portou em numerosos ensaios experimentaes e clinicos como efficiente processo de reforço therapeutico.

E' facto conhecido, que além de multiplos hormonios e vitaminas, torna-se imprescindivel para a normal actividade dos tecidos e órgãos a existencia de verdadeiras diastrases ou enzymas, que se comportam como activos estimulos da nutrição cellular (hepatodiastrases; neuro-diastrases; etc.). Num terreno de melhores condições metabolicas, o especifico iodobismuthato de quinina ou mais rigorosamente iodeto de bismutho e quinina terá a sua acção comprehensivelmente mais efficaç.

INDICAÇÕES

Syphilis em todas as suas formas e em qualquer das phases da infecção.

MODO DE USAR:

O contendo de 2 ou 3 empolas por semana, sob prescripção medica, em applicação profunda e por via intra-muscular.

Laboratorio de Biologia Clinica, Ltda.

DIRECÇÃO SCIENTIFICA:

DIRECTOR:

Dr. Mario Pinheiro

Director do Instituto de Neurobiologia
da Assistencia a Psychopathas do Districto Federal

ASSISTENTE:

Dr. Hélión Póvoa

Titular da Academia, Docente da Faculdade e Assistente do Instituto de Neurobiologia

Productos do Laboratorio de Biologia Clinica, L^{tda}

Medicados pela illustre classe medica

Vitamina — Farinha alimentar por excellencia.
Néo-Vitamin — Tonico de extracto de frutas e vegetaes.
Insulina — Diabetes.
Synergon A. B. C. — Blenorrhagia e complicações em ambos os sexos.
Fermento tridigistivo — Perturbações digestivas.
Sêro Lipotonico (Mef) — Tonico do systema nervoso. Ambos os sexos.
Sêro Liposedativo (Mef) — Tonico e calmante do systema nervoso. Ambos os sexos.
Ovariomastina — Dysmenorrhœa (comprimidos e amp.)
Glandula Pituitaria — Inercia uterina e intestinal (compr. e amp.)
Lipocholepatina — Tuberculose (ampolas).
Cholepatina — Affecções do figado e vias biliares.
Gl. Thyreide — Insufficiencia thyreoidiana.
Cholelactina — Desordens intestinaes.
Encephalina — Tonico nervino (compr. amp. e extracto).
Polyendocrinico — Insufficiencias das glandulas associadas.
Hemosplenina — Paludismo. Anemias geral.
Pancreas — Insufficiencia pancreatica. Diabetes.
Renina — Diuretico por excellencia (compr. e amp.)
Suprarenal — Insufficiencia da gl. suprarenal.
Orchidan — Fraqueza sexual (compr., amp. e extr.)
Extracto hepatico — Insufficiencia hepatica.
Lipocarbisan (A. B. C.) — Syphilis e suas manifestações.
Bismarsen — Syphilis e suas manifestações.

Quinoparsen — Impaludismo.
Panlaxil — Prisão de ventre.
Blotoxil — Opothérapie associada nos estados toxi-infecciosos.
Iopepsan — Medicação iodo-iodetada peptonada em extracto poly-opo-therapico digestivo glicerinado. Arterioesclerose, hipertensão arterial — arterites especificas — linphatismo e obesidade.
Thyroluteina — Perturbações da menstruação.
Vaccinas "WRIGHT", etc., etc.
Nutrosan — Biscoitos calcificantes — Caseinato de calcio e feculentos. Alimentação infantil além dos seis mezes. No decurso de gravidez e de amamentação. Acção alimentar. Fixação do calcio.
Vitamina — Injectavel. Extractos concentrados de vitaminas. A vitaminoses, escorbuto, rachitismos, polyneurites. Enfraquecimento, convalescença.
Extracto Hepatico — Injectavel. Opothérapie hepatica. Indicado nas affecções hepaticas, da vesicula biliar, dyserasias hemorragicas etc.
Biocalcio — Opo-calcio-nucleino-phosphatado (granulado). Descalcificação e desmineralisação de certas toxi-infeccões, periodos de crescimento, convalescenças, esgotamento nervoso, affecções osseas.
Iofornil — Iodeto de urotropina benzosodico. Arterio-esclerose, cardionephro-esclerose, toxi-infeccões, syphilis congenita ou adquirida tardia, rheumatismo, lymphatismo.
Néohemosteno — Anti-anemico intensivo e completo: Ferro — Cobre — Polioptoterapia.

Direcção scientifica:

Dr. Mario Pinheiro (Director) -- **Dr. Helion Póvoa (Assistente)**

Depositos em S. Paulo, Porto Alegre, Bahia e Recife

Literatura e amostras

com o depositario e representante nesta capital

Francisco de Revorêdo Barros - Rosario, 609

a demologia e os espíritos do Bem e do Mal inda hoje lutam na alma milenarmente mística da humanidade.

Assim a medicina que foi de início mais terapêutica — porque essa é a essência mesma de sua razão de ser — tornou-se teurgica antes de ser científica.

O tabú era a proibição de um determinado fáto ou objéto que podia fazer mal ao individuo ou à coletividade. E' a noção mais rudimentar de terapêutica preventiva.

Em afastadas épocas do antigo oriente attribuia-se aos medicamentos uma origem sobrenatural. Lá parece ter sido o berço, como aliás em muitos outros râmos da ciência, das drogas medicamentosas, estudadas, por práticos especializados, como remedios.

Entre os assyrios e os babylonios parecem ter nascido as primeiras indicações dos corpos de origem mineral para o tratamento das doenças. Ostanés, o filosofo alquimista e mago da Chaldéa indicava o ouro como remedio.

Os egípcios, o povo que na antiguidade distante mais se distinguuiu pelos seus conhecimentos científicos — filhos da grandiosa concepção místico-filosófica de Hermes Tribegisto — muito evoluíram na arte de curar. Conheciam melhor que ninguém nessa época a máquina cujo desarranjo procuravam concertar. A conservação dos cadáveres obrigava-os às necropsias e consequentemente à observação de órgãos em estado hígido e patológico.

Os laboratórios encontrados nos templos e nas pirâmides parecem ter sido reservados à preparação de medicamentos.

As substâncias aromáticas como a mirra, o aloes, o cedro, o stirax (nosso atual benjoim) supõe-se não terem só sido empregados na mumificação mas ainda com fins terapêuticos. Seus estudos sôbre os venenos tornaram-se celebres.

Ao lado dessa provável medicação, é certo que a terapêutica escatofílica, pelas fezes, urina, cabelos, cerebro, órgãos humanos, leites e outras substâncias de origem animal, era empregada com frequência. Os seus efeitos dependiam sem dúvida alguma de uma opoterapia mais ou menos específica.

Hoje em dia temos feito renascer muitos desses medicamentos apenas sob um aspeto mais científico e menos repugnante.

Talvez tenha sido divinisação do gato e das serpentes no dizer de Hougounenq, a pre-ciência do papel que goza na propagação da peste, o rato, contra o qual esses animais lutariam, evitando dessa maneira, a propagação das epidemias que então assolavam o Egípto.

Os fenícios, os cartaginezes e os hebreus foram o hifen entre as civilizações oriental e ocidental. A Bíblia está cheia de conselhos higienico-dietéticos e terapêuticos.

Começa aquí a história pharmaco-terapêutica da Grecia..

Quando Orfeu creou sua religião de arte, arrastou consigo mil e um preceitos de hygiene e de saúde.

Os deuses povoaram a terra e o genero humano sentiu-se feliz em seu convívio. Era a religião dos sentidos e da arte, concretizada na alegria saudável de viver.

Mais tarde, por seus sacerdotes, Apollo revelava tratamentos por seus oráculos dionios. Diana lhe seguiu o exemplo.

Sacerdotes e sacerdotizas curavam a alma e o corpo.

Esculapio e Higia lá estavam.

Foi somente quando da religião passou, às mãos dos filósofos, a ciência, é que a terapêutica tomou seu verdadeiro vulto, sob o ponto de vista que nos interessa.

Mas não nos furtamos a dizer algo dessa medicina grega pre-Hyphocratica. Podemos dividir este periodo, segundo Eduardo Augusto Motta numa fase primitiva e outra mística ou sagrada. No primeiro periodo os doentes eram expostos em praça pública e curados pelos viandantes. Curados, inscreviam seus métodos terapêuticos nos templos.

Alguns nomes ficaram inapagados na lenda. Melampo curou as filhas de Argos que eram histéricas, como eleboro e leite porque tinha visto que as cabras se purgavam com eleboro branco. Recomendou ainda a hidroterapia na celebre fonte elitoriana de Arcadia. Ele mesmo parece ter usado a ferrugem como remedio.

Chiron, o centauro da gruta da Tessalia e seus discipulos Jazão, Ulysses, Nestor e Achylles, segundo di za lenda, curavam ulceras de toda a espécie com as fôlhas verdes de certas plantas das montanhas sagradas.

A Centauria traz seu nome desses tempos. E' uma das gencianacias, o cardo branco ou estrelado, ao que parecem.

Esculapio, o Homem-Deus-Médico e seus filhos Macaonte e Podalyrio, diz-se terem curado por poções calmantes, incisões e sangrias.

Podalyrio curou pela sangria Sirna, a filha do rei Dametos que lhe deu Cherezono para reinar. São lendas maravilhosas que se perdem na noite dos tempos...

No segundo periodo, da mesma maneira que os Bramanes na India e os Druidas no norte da Europa, os Asclepiades da Grecia, sacerdotes de Esculapio, tratavam nos templos.

Ao lado dos purgativos, dos vomitivos, da sangria, os conselhos higienico-dietéticos, as aguas de fontes, os banhos de mar e de areia e os meios psico-terápicos, a distração, eram seus melhores métodos de cura.

Mais tarde a Medicina fugindo dos templos refugiou-se nos ginásios.

A filosofia dos mistérios de Delphos, creada por Pythagoras, faz nascer os periodeutas ou visitantes que introduziram o hábito da consulta a domicílio.

As filosofias de Thales, Anaximeno, Heraclito, Empedocles, Aristoteles, Anaxogoras, Leucipo e Democrito crearam além de uma medicina teurgica, outra laica que fez escolas e médicos.

Foi nessas escolas que nasceu o estudo da materia médica que tanto contribuiu para a grandeza intelectual da Grecia imortal.

Todos esses conhecimentos anteriores parecem se ter concentrado numa personalidade genial. O maior filosofo da medicina de todos os tempos: Hyppocrates.

Ele assinála o marco em que a terapêutica se lança em luta aberta contra o sofrimento.

Hippocrates viveu o resplendente século de Pericles. Alicergado na sua teoria dos quatro humores e na hipótese dos fenômenos de crase ou discrase que as regulavam, o velho de Cós, creou uma terapêutica que, comquanto naturista (*Vis medicatrix*), não deixava de auxiliar a natureza. Baseado no aforisma de que “contrária contrariis curantur” êle usou o método evacuante ou purgativo, os eméticos, os diuréticos, os sudoríficos e os expectorantes. O eleboro branco e o preto, a timelêa, a escamonêa, o vinho, as cantaridas, o alho, o aipo e o mel eram por êle frequentemente usados. O “*meconium somniferum*” era o seu hipnotico. Foi êle o creador da revulsão e da derivação.

O genio de Hippocrates atravessou mais de vinte séculos como o “Pai da Medicina”.

Depois dele Aristoteles cria a doutrina sensualista e experimental: “*Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*”.

Theophrasto e Herophilo foram celebres.

Erasistrato fundou o solidismo em que todos os fenômenos morbidos dependiam dos elementos sólidos.

Pouco mais tarde como numa reação ao dogmatismo Hippocrático, o empirismo cego ganhava terreno, baseado na auto-observação e na história, constituindo o epilógismo. Este modo de vêr desapareceu rápido, deixando o seu nome como synônimo de ignorância.

O metodismo de Aesclepiades, fundado nas filosofias atomisticas de Democrito, baseia toda a sua arte de curar no “*strictum*” ou “*laxum*” dos poros dos tecidos orgânicos.

A teori apneumática de Atheneu, creada sessenta anos depois de Cristo, pouca repercussão tem em farmacoterapia.

No anno 128 de nossa era nasce um homem cuja cultura e talento enciclopédicos o tornaram um idolo da medicina. E’ Claudio Galeno de Pergamo. Durante muitos séculos as suas obras foram um verdadeiro evangelho da Medicina. O seu racionalismo ou dogmatismo muito se assemelhava ao de Hippocrates. Os quatro elementos considerados por êle fundamentais na natureza — terra, ar, agua e fogo — animados pelas forças ou espíritos animais, foram fundamentos de um neo-naturismo racional. Galeno escreveu muito sôbre as sangrias e as sangue-sugas. As suas idéias pharmaco-terapêuticas, no entanto, são, como era de prever, extremamente falsas. Seu “*metodos medendi*” e sua “*arte curativa*”, bem que sejam ricos em preceitos lógicos de dietética, pecam nas indicações medicamentosas.

Dessa época até a Renascença a medicina foi puramente Galenica, muito especialmente depois do incendio da celebre biblioteca de Alexandria, ordenada pelo Kalifa Omar, que acreditava, em seu fanatismo, que o livro de Mahomet tudo dizia e ensinava.

Gregos e Árabes, todo o occidente seguiu a escola de Galeno. Rhazés, Avicenna e Avenzoar estudaram melhor a materia médica e os efeitos pharmaco-terápicos da canafistula, do sene e do maná como purgativos. Aperfeiçoaram a preparação dos xaropes, das águas distiladas, dos espíritos, das pomadas, unguentos e emplastros.

Desgraçadamente neste período obscuro da história, nessa época de pre-Renascença, em que a cultura foi embotada por um misticismo doentio filho do entrecchoque das diferentes idéias filosófico-religiosas e da superstição dos barbaros de Atila e Genserico, nessa idade media, as mithridates e Theriagas, panacéas de mais de sessenta medicamentos, tiveram sua grande aceitação. Parece que a humanidade cansada as methridates e Theriagas, panacéas de mais de sessenta medicamentos número. Algumas dessas sessenta substâncias deveriam fazer bem ao doente. Essa polifarmacia vigorou muitos séculos confundindo o médico com o mágico e o charlatão.

Não fôsse a escola de Salerno, fundada e sustentada pelos remanescentes do Egipto, Roma e Grecia e talvez Hyppocrates e Galeno tivessem desaparecido.

Mas o espirito e a inteligência resurgem do seu sonambulismo pelo XV século e a Renascença começa com todo o seu vigor.

Os brotos iniciais e verdejantes de esperança, nascidos dessa velha e ressequida árvore da cultura humana, como que animadas pela seiva

E foi indiscutivelmente essa predestinada Italia coroada de rosas, tos ante a ambição humana de saber.

E foi indiscutivelmente essa predestinada Italia coroada de rosas de Justino de Montalvão, o teatro da insurreição científica, literaria, artistica e filosófica dos tempos modernos. Pouco depois o microscopio e a imprensa forneceram os alicerces da ciência moderna.

Desde o período erudito em que figuraram médicos como Leoniceno Linarco e Fernel a ciência médica deu pulos de gigante.

A servilidade, a velha rotina de Galeno foi sendo sacudida.

Em 1493 um espírito reformador e genial, Paracelso, recheiado pelos defeitos da época, mas calcado numa inteligência excepcional, abriu fundos golpes nesse vetusto edificio. Talvez tenha sido elle no dizer de Malgaigne o precursor de Bacon. Usou o enxôfre na sarna e o mercúrio na sífilis.

As conquistas dos navegadores do XVI século abriram novos panoramas aos conhecimentos farmacológicos. A China e América forneceram novos medicamentos.

A filosofia escolástica que tanta influência tinha na medicina sofre os primeiros abalos com Descartes e Bacon.

O idealismo racionalista da época só teve um sustentáculo na mão de Kant.

Van Helmont que preconizava apenas medicamentos simpáticos ao gás espirital, Archeu, acreditava que dos odores dependia a virtude medicamentosa. Parece ter sido o primeiro a tentar o tratamento específico das doenças miasmáticas.

No século XVII Silvius funda a iatro-química. Para ele a saúde dependia da união exáta dos ácidos aos alcalis. Daí deduziu a sua terapêutica ácida ou alcalina das doenças.

Os iatro-mecânicos que seguiram Borelli pouco se salientaram. Apenas citaremos Hoffmann e Boerhaave. As applicações da química, física e mecânica em medicina tiveram entretanto vantagens incalculaveis.

Si a exageração de Fonsagrives é tão fácil de constatar no fanatismo das doutrinas vaso-motoras daí nascidas, Vulpian, faz observar o justo da medida a tomar nessa emaranhada questão.

Como reacção a todas estas fôrmas iniciais, teóricas, o animismo de Stahl nega a terapêutica, exagerando ao infinito a força medicadora e o valôr da expectação.

O vitalismo de Barthez nasceu para lhe reagir.

Pouco mais tarde o organicismo toma incremento.

A medicina moderna filha de tanto saber, estuda a irritabilidade celular com Haller.

Brown baseia a sua terapêutica nos estimulantes. Broussais nos debilitantes.

A destruição destas escolas é feita pela anatomia patológica das mãos de Laennec, Bretonneau, Virchow e outros.

Hahnemann funda a homoeopatia.

Rassori descobre a ação eletiva dos medicamentos sobre os determinados órgãos e tecidos.

Dentro da liberdade de pensamento destes tres últimos séculos, os cientistas, num frenesi de verdade, chegaram até aos divinos Claude Bernard e Pasteur.

Todas as escolas filosóficas e científicas, todos os metodos e sistemas creados nesse anarquismo intelectual de liberdade absoluta, encontraram, em Claude Bernard, o filtro maravilhoso do método experimental.

A escola experimental pura, dentro da ciência médica, eriou divindades terapêuticas a quem nunca a humanidade poderá suficientemente cultuar. Pasteur, Erlich, Kitasato, Behring, Brown Sequard e toda essa pleiade de deuses que constituem hoje o alicerce magnifico da Farmacologia, encarada no mais amplo ecletismo medicamentoso e na mais sublime das finalidades: a saúde.

Quero lembrar que nesta época histórica da Nação, em que democracia nacionalizada toma um aspéto magnificamente moço e grandioso, à nossa escola vem sendo imprimidas novas diretrizes de trabalho, muito de acôrdo com a orientação de brasilidade pura do Chefe da Nação.

E' necessário portanto que nós todos demos o apoio desejado afim de que nossa escola continue a ser uma das primeiras do Brasil.

Tenho a certeza que neste ano em que ireis conviver comigo, o pouco que por ventura eu vos possa transmitir, não cairá em terreno esteril.